Conceito de texto em Bakhtin

Introdução aos Estudos da Língua Portuguesa II
IELP II

BRAIT, B. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, B. ; SOUZA-E-SILVA, M.C. (orgs.) *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012, p. 9-30.

Teoria bakhtiniana

- "O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas" (Estética da criação verbal, 2003[1959-1961])
- **Texto**: objeto primeiro de todas as ciências humanas, diferenciando-as das ciências naturais

- **Objeto das ciências humanas**: o **homem** inserido na sociedade, cujas ações físicas só podem ser interpretadas em sua expressão semiótica ou em signos

- O texto tem **autor**: "Encontramos autor (percebemos, compreendemos, sentimos, temos a sensação dele) em qualquer obra de arte. Por exemplo, em uma obra de pintura sempre sentimos o seu autor (o pintor), contudo nunca o vemos da maneira como vemos as imagens por ele representadas" (BAKHTIN, 2003 [1959-61], p. 314)

Texto = enunciado

- inclusão “na comunicação discursiva de dado campo” (idem, p. 309), onde entra em relações dialógicas com outros textos

- “o enunciado é um todo individual singular e historicamente único” (idem, p. 334)

- natureza extralinguística, os elementos linguísticos são um meio para realização do enunciado.

Metalinguística: relações dialógicas

- "As relações dialógicas entre os enunciados, que atravessam por dentro também enunciados isolados, pertencem à metalinguística." (idem, p. 320)
- as relações dialógicas (concordância, polêmica, contradição, discussão etc.) são de natureza semântica
- ocorrem entre enunciados integrais
- são sustentadas por sujeitos-autores dos enunciados
- a compreensão do enunciado envolve responsividade e, consequentemente, juízo de valor (verdadeiro, falso, belo, justo etc.).

Texto: objeto da linguística

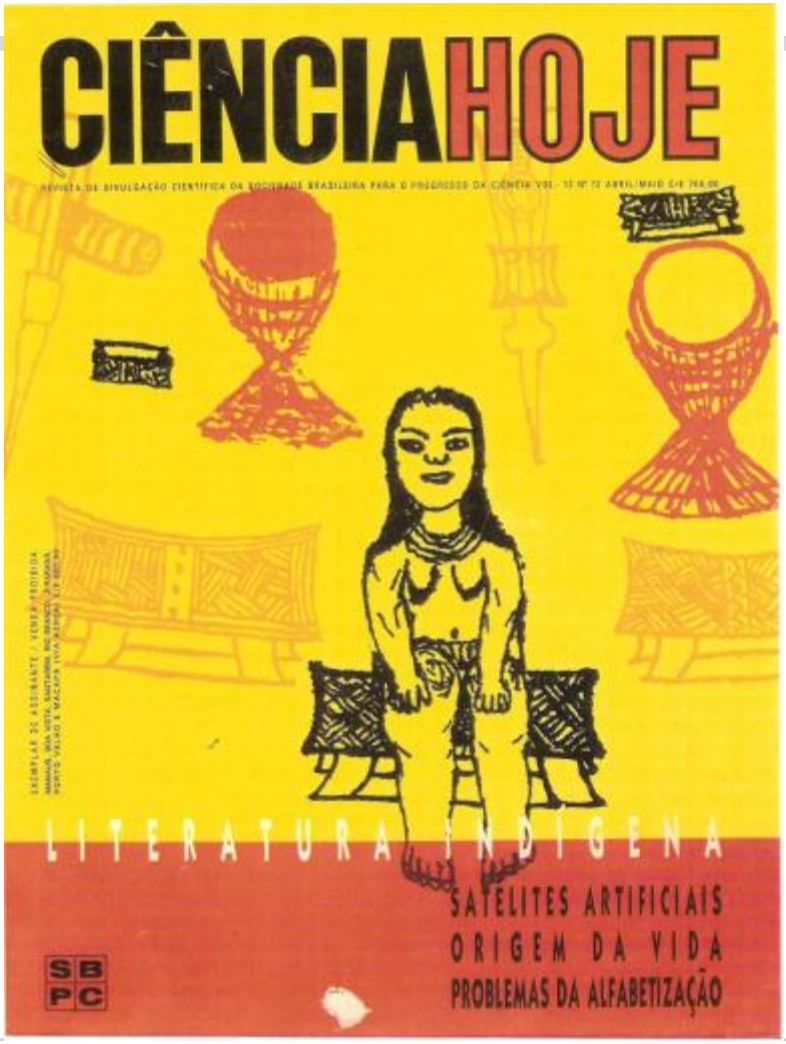
- A linguística opera com texto mas não com obra (...) as relações puramente linguísticas (isto é, objeto da lingüística) são relações do signo com o signo e com o signos no âmbito do sistema da língua ou do texto (isto é, as relações sistêmicas ou lineares entre os signos).”(idem, p. 330).
- A linguística conhece apenas o sistema da língua e o texto. (2003[1970-71], p. 382)

Concepção semiótico-ideológica de texto

Texto: "conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas" opera com textos (obras de arte)" (BAKHTIN, 2003[1959-61], p.305)

Vínculo indissolúvel entre texto e enunciado concreto.

No. 72 abril/maio 1991



Autoria e gêneros

- Abertura do texto no interior: antropóloga Berta Gleiser Ribeiro (Profa. Depto Antropologia do Museu Nacional – UFRJ)

- Final do texto: edição de Maria Ignez Duque Estrada – jornalista e tradutora

Autor jornalista – 3a. pessoa

- “Berta G. Ribeiro foi convidada a participar na Universidade de Extremadura, na Espanha, em 1990, de um congresso de escritores, que discutiram o tema “Lo real-maravilloso em iberoamerica” e se interessaram especialmente por esse relato” (*CH*, 1991, n. 72, abr./maio, p. 21)

Autor cientista

Construção composicional do texto – influência do artigo científico:

1) Título e apresentação – provavelmente da autoria da jornalista;

2) Primeira seção do texto, sem título e funcionado como apresentação do objetivo do artigo;

3) "O poder gerador da palavra" – levantamento das características gerais dos relatos míticos no diálogo com a bibliografia da área;

4) "O mundo mágico dos desâna" – descrição e análise do enunciado indígena;

5) "Imaginária e estética" – interpretações e conclusões.

Fragmento da seção: “O poder gerador da palavra”

“Por fim, a característica crucial dos relatos míticos é a força da palavra e a força do nome, parteiras do mito. A respeito, diz Ernst Cassirer, em *Linguagem e mito*:

Nos relatos da criação de quase todas as grandes religiões culturais, a palavra aparece sempre unida ao mais alto deus criador. [...] *O pensamento e sua expressão verbal costumam ser aí concebidos como uma coisa só.*

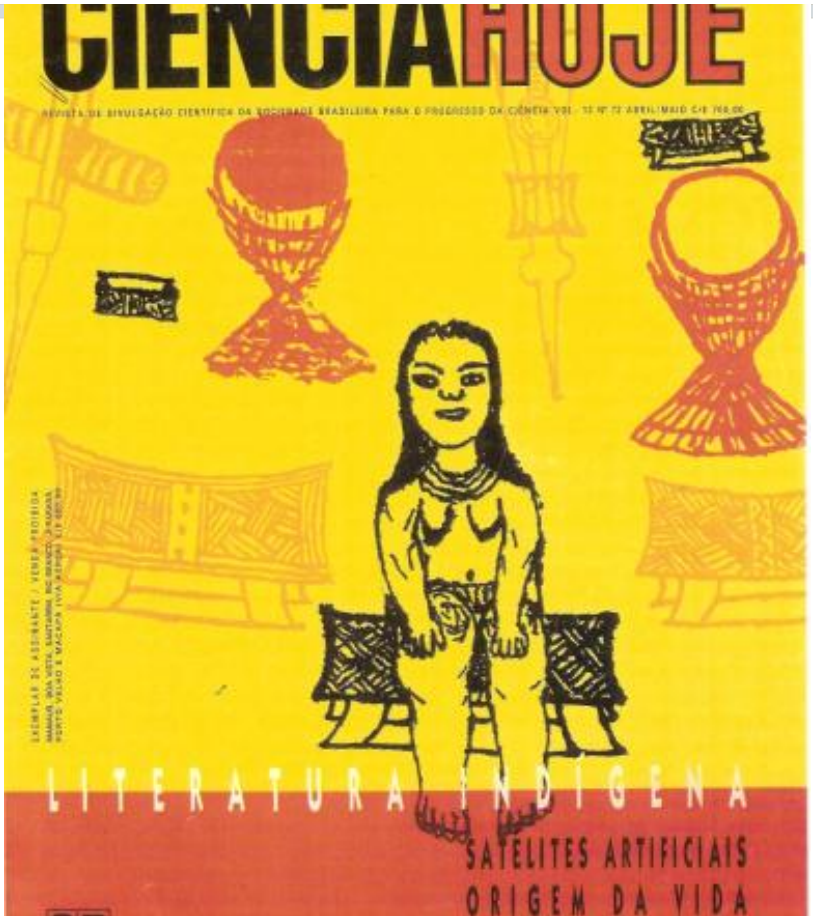
Genericamente falando, na concepção indígena, as coisas existem porque têm nomes. Esses nomes devem ser repetidos e lembrados porque, do contrário, as coisas que nomeiam deixam de existir. (*CH*, 1991, n. 72, abr./maio, p. 31)

Desenhos que acompanham o artigo de CH

- Autoria: índio Tolamãn Kenhíri (em português, Luiz Gomes Lana, como aparece no crédito do primeiro desenho), retirados do livro *Antes o mundo não existia* (Kumu e Kenhíri, 1980), e do índio Umúsin Panlõn Kumu (em português, Firmiano Lana)
- Diferentemente do artigo de CH, no livro, os desenhos estão agrupados no final, não acompanhando as narrativas verbais e funcionado como uma espécie de “apêndice”

Autoria e diálogo de esferas

- Signos visuais: autores índios (esfera mítico-religiosa)
- Signos verbais: jornalista (esfera jornalística) e cientista (esfera científica)



- primeira das 50 figuras do livro *Antes o universo não existia* (Kumu e Kenhíri, 1980)

- acompanha a primeira história "Como apareceu Yebábëló do nada", na qual se narra o mito de criação do universo Desâna

a cosmogonia Desâna: "Revela [...] a importância dos artefatos como símbolos tangíveis de identidade étnica e seu caráter mágico-religioso. Assim, a avó do cosmo faz-se a si própria de seis "coisas invisíveis, expressas em objetos e plantas com poder mágico: bancos, cuias, suportes de panela, cigarros, porta-cigarros, coca e tapioca. "(RIBEIRO, 1980, p. 42)

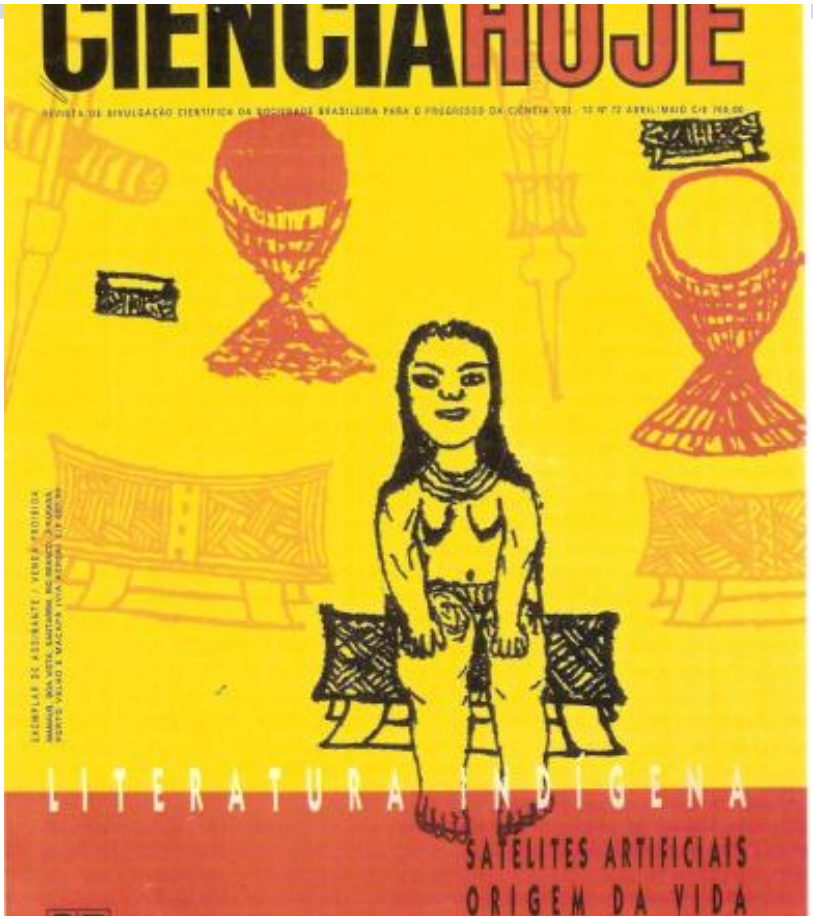
Cronotopo

- “a interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura” [...] “Entendemos o cronotopo como uma categoria conteudístico-formal da literatura” (1993a [1934-1935], p. 211).

Cronotopo: imagens e texto

Signos visuais	Signos verbais
Cronotopo mítico-religioso indígena	Pesquisa antropológica

Artigo CH x Livro



- tratamento artístico do desenho indígena, do qual se destaca o acréscimo das cores vermelha e amarela

- Simbolismo dos índios Desâna da região do Vaupes na Colômbia, o antropólogo colombiano Reichel-Dolmatoff (1973) destaca que, juntamente com o azul, o amarelo e o vermelho são as cores mais importantes para esses índios. No mito de criação do povo Desâna da Colômbia, reproduzido na obra de Reichel-Dolmatoff (1973, p. 49), há menção explícita às cores amarela e vermelha:

"a cor da morada do Sol é amarela, como aquela de seu poder; a cor da morada dos homens e dos animais é vermelha: é a cor da fecundidade e do sangue dos seres vivos [...] O Sol criou tudo com sua intenção amarela, irradiando o poder de sua luz amarela para que a partir dela se formasse o mundo"

Ausência de interpretação das cores

No livro *Os índios das águas pretas* (1995), Ribeiro, que também é autora do artigo de *CH*, menciona o uso de cores no trançado de cestas dos índios Desâna brasileiros: “Nos trançados dessa região, comparecem a cores preta, vermelho-vivo, vermelho-ocre, cor de caramelo e marrom-claro. O negro é obtido pela fixação da fuligem. O vermelho-vivo provém das sementes de urucu e a tonalidade vermelho-ocre do caraiuru, considerada uma tinta mais nobre” (p. 89).

- a entidade criadora do universo é feminina no relato dos índios brasileiros e masculina na dos colombianos
- utilização dessas cores foi empregada mediante pesquisa dos editores de arte em obras sobre o povo Desâna
- reconstrução empreendida por meio do cruzamento de informações advindas de estudos sobre diferentes povos indígenas - enunciado verbo-visual constituído por um **discurso bivocal** de tipo ativo, em que "o discurso do outro influencia de fora para dentro" (Bakhtin, 1997 [1963], p. 200).
- Bivocalidade: voz dos Desânas colombianos (cores amarela e vermelha) e dos Desânas brasileiros (desenhos da entidade criadora feminina).

Referências

BAKHTIN, M.M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: _____. Questões de literatura e estética. Trad. A. F. Bernadini et al. 3. Ed. São Paulo: UNESP, 1993[1924]. p. 13-70.

BAKHTIN, M.M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem.* Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tra.d M. Lahud e Y.F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992 [1929].

BAKHTIN, B.B. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1953-54]. p. 261- 306.

BAKHTIN, B.B. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. Uma experiência de análise filosófica. In: Estética da criação verbal. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1959-61]. p. 307-336.

BAKHTIN, B.B. Apontamentos 1970-1971. In: Estética da criação verbal. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 367-392.

BAKHTIN, M.M. *Problemas da poética de Dostoiévski.* Trad. P. Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010[1963].

BOTCHARÓV, S. G.; GOGOMÍCHVILI, L. C. (Org.). *M. M. Bakhtin*: Sobránie sotchiniénii t.5 Trabalhos do início dos anos 1940 até 1960. Moscou: Russkie Slovari, 1997. 731 p.

BRAIT, B. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, C.*Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012. p. 9-30.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dictionnaire d'analyse du discours.* Paris: Seuil, 2002.

CUNHA, A.G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.* 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

FLOCH, J.-M. *Identités visuelles.* Paris: PUF, 1995.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HJELMSLEV, L. *Prolégomenes à une théorie du langage.* Trad. U. Canger. Paris: Minuit, 1966.

ORLANDI, E. *Discurso fundador.* Campinas: Pontes, 1988.

_____. *Discurso e texto.* Formulação e circulação dos sentidos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008.

SPITZER, L. *Études de style.* Trad. E. Kaufholz, A. Coulon, M. Foucault. Paris: Gallimard, 1999.